

# humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LX



entre nós: “Os Estudos Clássicos na Actualidade”. Saliendo as notas mais positivas a registar, como o bom acolhimento de temáticas clássicas nos grandes meios de comunicação e, mais positivo ainda, o facto de termos hoje como nunca nos nossos dias “tanta gente com tantas habilitações nesta área” (p. 85), o Prof. Torrão encerra a mesa redonda com uma nota optimista sem omitir os aspectos mais negativos do cenário actual que se revela francamente paradoxal. Dispomos de recursos humanos bem qualificados nos estudos clássicos, mas retiramos às gerações mais novas a possibilidade de acesso ao legado cultural clássico e às línguas que lhes permitiriam um acesso directo às fontes. O entusiasmo das suas palavras finais não pode deixar de nos contagiar e colher boa resposta ao desafio que elas nos lançam.

A sessão de encerramento do encontro coube à também discípula do Prof. Ramalho, Vice-Presidente da APLG, a Mestre Teresa Geraldês Freire. As suas palavras, além de reafirmarem a gratidão pela obra e pelo exemplo do Prof. Costa Ramalho, empenham-se numa luta denodada contra o que chama uma “desertificação intelectual” (p. 93) que ameaça e já fere o nosso meio cultural em que o ensino do Latim nos actuais *curricula* do Ensino Secundário cai no esquecimento, acessível apenas a futuros alunos de Línguas e Literaturas e simplesmente vedado aos que pretendem estudar História, Direito, Filosofia, etc... As suas preocupações em relação ao futuro, porém, encontram esperança no pensamento optimista de que atravessamos apenas mais um ciclo e que também a superação desta crise “se tornará um dia inevitável” (p. 95).

Em jeito de chave de ouro, encerra a publicação que merecidamente traz a mais vasto público esta homenagem, uma primorosa composição poética latina, da autoria do Prof. Amadeu Torres (*Resalutationis Carmen*) e a sua versão em Português (*Ode Sáfica*), com que o poeta quis saudar o amigo e com que a APLG brindou os participantes do almoço-convívio que encerrou o programa.

CARLOTA MIRANDA URBANO

LOPES, Rodolfo Pais Nunes, *Pseudo-Homero, Batracomiomaquia – A guerra das rãs e dos ratos*. Introdução e tradução do grego, Coimbra, Colecção Fluir Perene, 2008. 71 pp. ISBN 978-989-95751-2-7

A *Batracomiomaquia* constitui o segundo livro da colecção *Fluir Perene* e abre a secção de traduções de obras clássicas. O volume está organizado em duas partes, correspondentes a uma introdução geral (pp. 15-41) e à tradução propriamente dita (pp. 43-64). Acresce ainda um “Índice dos nomes das personagens” (pp. 67-71) que, sendo embora pouco extenso, dadas as reduzidas dimensões da obra, se revela bastante útil, porquanto apresenta a versão grega da forma como as personagens são designadas e explica o sentido destes ‘nomes falantes’, que contribuem, obviamente, para a natureza paródica da *Batracomiomaquia*. Embora o texto original

seja curto (e portanto de leitura rápida) e a sua ordenação interna um tanto controversa, ainda assim teria valido a pena colocar a indicação do número dos versos na tradução e recuperar essas mesmas referências no índice onomástico, para facilitar uma rápida identificação das personagens no contexto da obra.

Na introdução à obra, o A. aborda várias questões prévias que se revelam bastante pertinentes para facilitar a correcta apreciação da *Batracomiomaquia*. É o que acontece, desde logo, com a ponderação dos “Critérios de tradução” (pp. 18-20), onde o A. refere as diferentes opções decorrentes do facto de se considerar o texto como paródia da epopeia (sendo portanto necessário traduzir o vocabulário à luz do sentido que possui em Homero) ou então simplesmente como texto cómico (negligenciando assim a relação que estabelece em particular com a *Ilíada*). O A. opta, e bem, por traduzir tendo sempre como referência o texto homérico, pois de outra forma haveria um evidente empobrecimento das potencialidades hermenêuticas da obra. Embora a posição do A. seja expressa de forma clara, poderia ainda assim reforçar os seus objectivos didácticos se este processo de transposição linguística fosse exemplificado com alguns termos concretos, como o uso dos epítetos ou o recurso a fórmulas tipicamente homéricas.

Na secção seguinte, o A. dedica um espaço relativamente amplo ao problema da “Datação e autoria” (pp. 20-27), que, não sendo tão complexo quanto a famosa ‘questão homérica’, não deixa, ainda assim, de parodiar de certa forma, também a esse nível, uma das maiores dificuldades que têm acompanhado a *Ilíada* e a *Odisseia*, quase desde a sua origem. A provar a disparidade de opiniões que a *Batracomiomaquia* suscita está o facto de, já desde a Antiguidade, as hipóteses de datação oscilarem entre o séc. VI a.C. e o séc. I da Era cristã. A identificação da autoria enfrenta dificuldades semelhantes, embora os antigos tendessem a identificá-la com Homero. É paradigmática desta corrente interpretativa a opinião, embora crítica, que o Pseudo-Plutarco expressa na *Vida de Homero* (1.5), e que o A. evoca, em tradução (p. 22): “Ele [Homero] escreveu dois poemas: a *Ilíada* e a *Odisseia*; há quem diga, embora não seja verdade, que, para praticar a escrita e por divertimento, lhes acrescentou a *Batracomiomaquia* e o *Margites*”. Mais recentemente, partindo de uma atenta análise linguística, Ahlborn defende que o poema terá sido composto no séc. I a.C., por um autor proveniente da zona de Alexandria, desvalorizando a força probatória que se dava a um relevo de Arquelau de Priene chamado *Apoteose de Homero*, com representações de Homero, das Musas, figurações alegóricas da *Ilíada* e da *Odisseia*, e ainda duas outras imagens (por vezes identificadas como uma rã e um rato). Entre outros estudiosos, é de salientar o contributo de West (responsável pela edição crítica do texto grego que está na base da tradução), que reforça muitas das objecções de Ahlborn, embora para sustentar uma datação mais tardia, nos primeiros anos da Era cristã. Dadas as grandes dúvidas que existem em relação quer à autoria quer à datação, O A. acaba por dar preferência a uma opção que salienta a conexão com o texto homérico – conexão essa que

é responsável, em última análise, pela preservação da *Batracomiomaquia* (p. 27): “Portanto, a designação “Pseudo-Homero” parece ser a mais adequada por duas razões fundamentais: não deixa de incluir as várias ligações com os textos homéricos nem acarreta consigo a carga de incerteza que causaria a escolha de uma das autorias que têm vindo a ser sugeridas.”

O A. dedica ainda algum tempo à “Transmissão do texto” (pp. 28-32), naquela que constituirá, porventura, a vertente mais filológica da introdução. À parte as questões de pormenor que acompanharam a fixação da edição crítica da *Batracomiomaquia*, é interessante constatar que essa transmissão esteve sempre ligada à obra homérica, a ponto de o opúsculo ser mesmo usado como forma de introduzir o estudo da *Iliada* e da *Odisseia*. Ora esta realidade está directamente ligada com o “Carácter paródico e fabular do poema” (pp. 32-38), questão que o A. também aborda, chamando a atenção para o facto de, muito antes da composição da obra, Esopo usar já os animais em situações próprias dos seres humanos. A tradição é, aliás, bastante mais antiga, pois também no Egipto antigo há relatos de lutas entre gatos e ratos que remontam ao menos ao séc. XIV a.C. Além destes pormenores relativos a possíveis antecedentes da *Batracomiomaquia*, é igualmente oportuna a preocupação de sublinhar a distinção entre fábula, alegoria, paródia e metáfora, pois, conforme salienta o A. (p. 35): “Tomada isoladamente, a vertente fabular do poema esgotaria a sua projecção para o real, na medida em que as personagens tomariam uma dimensão puramente alegórica, pois não poderia ser encontrado nenhum referente directo; é, aliás, uma característica própria das fábulas. Mas, se associarmos a este conceito o de paródia, o texto passa de alegoria a metáfora e as suas personagens e episódios podem ser identificados com outras personagens e outros episódios particulares que, neste caso, evidentemente encontram os seus referentes na *Iliada*.” Essa paródia tanto se manifesta a nível de aspectos formais menores e circunstanciais, como se estende à estrutura global da obra. Como o A. salienta, também de forma pertinente, não se trata de mero jogo cómico (p. 35): “Pelo contrário, parodiar um texto é dar-lhe novos sentidos e permitir-lhe novas interpretações; é enriquecê-lo; é, no fundo, um acto de tradução hermenêutica.” Desta forma, “pode compreender-se a paródia não como um género ou subgénero literário, como tem sido entendida desde Aristóteles, mas sim como uma atitude perante um texto existente, como o têm feito, com mais ou menos variações, Genette e Hutcheon. O primeiro insere a paródia na sua concepção dinâmica da Literatura, considerando-a um texto que deriva de um outro por meio de um processo de transformação, e chama-lhe hipertexto. Quanto à segunda, considera que paródia consiste numa imitação com distanciamento crítico cujo principal instrumento retórico será a ironia” (pp. 36-37). Ora é precisamente essa natureza paródica da *Batracomiomaquia* que justifica não só o interesse acrescido da obra, como também a sua própria conservação, ao ser associada ao nome de Homero.

O A. encerra a introdução com uma breves notas sobre a “Estrutura geral do poema” (pp. 38–41), salientando a inegável simetria dos seus cerca de 300 versos, divididos em três partes com um número aproximado de 100 versos, equilíbrio a que não será alheio, provavelmente, um trabalho de uniformização feito ao longo do processo de transmissão do texto.

Segue-se, finalmente, a proposta de tradução, que o A. verteu numa linguagem clara e elegante, e onde são detectáveis, de facto, as marcas do estilo homérico. Embora o original comporte somente o texto seguido, talvez valesse a pena sugerir uma divisão do texto em secções, através da adição de subtítulos. Tratar-se-ia, no entanto, de uma operação um tanto arbitrária e, por isso mesmo, sujeita à crítica, se bem que ajudasse a facilitar uma consulta rápida do texto e acentuasse as potencialidades didácticas. O mais importante, contudo, é salientar a inegável pertinência da publicação desta pequena obra, que, além da edição em papel, ficará também disponível no portal (<http://www.fluirperene.com>), como é característico da colecção *Fluir Perene*.

DELFIN FERREIRA LEÃO

MARTINS, José Vitorino de Pina, *Histórias de Livros para a História do Livro*. Apresentação de Aires A. Nascimento, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, 339 pp. ISBN: 978-972-31-12-05-4

Livro de memórias de um dos mais consagrados bibliófilos da actualidade, estas *Histórias de Livros para a História do Livro* oferecem ao Leitor, seguindo uma metodologia de exposição que recupera a amena tradição do espírito humanístico, o testemunho de uma vida pautada pelo mais erudito e elevado amor ao livro enquanto elemento cultural triunfante e inaugurador da mais característica modernidade do Renascimento do Ocidente.

Depois da profunda, sábia e adequada apresentação, devida a Aires A. Nascimento, sob o pertinente título “*Intus et foris scriptus*: a arte de escolher o livro” (pp. VII–XXV), José Vitorino de Pina Martins oferece-nos, no Prólogo, um “Antelóquio” no qual, simples mas substantivamente, anota as motivações desta obra. Estrutura-se esta em três partes. A primeira, intitulada “Vergõntas” (pp. 9–104) recapitula os primeiros encontros e as descobertas fundadoras do Autor no universo da bibliografia relativa a incunábulo e a livros antigos com relevo para a *imprimissão* tipográfica portuguesa primitiva e quinhentista, para a impressão aldina do *Poliphilo* (Veneza, 1499), e também para antigas edições de autores clássicos e humanistas, aludindo-se, entre vários títulos, autores e editores, a Terêncio, *Arius Lusitanus*, Pomponazzi, Petrarca, Pico della Mirandola, Ovídio, Angelo Poliziano, D. Jerónimo Osório e à impressão, feita em Lisboa em 1613, de *Os Lusíadas*.